

## **Episódio 22: Sismar sobre psicologia em situações de crise e catástrofe com Rui Ângelo**

**Alexandra Carvalho (AC):** Olá, bem-vindos ao Sismar; e hoje vamos “sismar” sobre psicologia em situações de crise e catástrofe. Eu sou a Alexandra Carvalho.

**Mónica Amaral Ferreira (MAF):** Eu sou a Mónica Amaral Ferreira e temos connosco Rui Ângelo. Psicólogo. É doutorado europeu em psicologia, Professor Auxiliar convidado da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa no Mestrado de Psicologia na crise e na emergência. Bem-vindo ao Sismar, Rui.

**AC:** Bem-vindo Rui.

Muito obrigada por teres aceiteado estar connosco. E a minha primeira pergunta vai mesmo no sentido de, o que é isto da psicologia de crise e catástrofe e da emergência?

**Rui Ângelo (RA):** A psicologia é uma especialidade, como a engenharia. Ou seja, dentro da psicologia temos várias áreas de especialidade, muito distintas entre si. Há umas mais conhecidas, como muitas vezes se fala em engenharia civil, mas há outras disciplinas dentro da engenharia igualmente muito válidas e importantes, e a psicologia clínica não é a única especialidade dentro da psicologia. A psicologia de crise e emergência tem então, como foco principal, trabalhar na resposta à emergência, mas nas várias fases da gestão da emergência. Ou seja, fazendo aqui uma conjugação entre a especialidade da Psicologia e, por exemplo da Proteção Civil, a Psicologia de Emergência especializou-se, desde o trabalho de prevenção relacionado com os comportamentos, com a resposta das organizações, com as respostas até de um país, até à intervenção quando a crise e a emergência está mais ativa, portanto, estamos em plena fase de resposta à emergência, até na fase da reabilitação, onde, sem dúvida, também podemos detetar situações que necessitam de uma intervenção no âmbito da psicotraumatologia. E aí, sim, encaminhamos para os nossos colegas da área da psicologia clínica, da área mais conhecida da psicologia em si.

**AC:** Certo. E, portanto, não é só estar no local da catástrofe que é o que eu pensei. Não é só estar no terreno e atuarem lá como primeiros socorros, é mais do que isso.

**MAF:** É o acompanhamento, não é?

**RA:** Pode ser trabalhar na vertente toda. Eu costumo dizer que nós podemos trabalhar na população civil. Ou seja, trabalhar logo a questão da percepção de risco, das pessoas terem noção dos riscos a que estão sujeitos, se são riscos naturais ou riscos tecnológicos. E se as pessoas não tiverem uma percepção de risco adequada ao seu território, não vão desenvolver os comportamentos adequados para mitigar os perigos associados aquando aquele risco de se concretizar.

**AC:** Portanto é torná-las mais resilientes à catástrofe.

**MAF:** E como é que nós, humanos, processamos essa informação do risco? Essa percepção, ou a informação?

**RA:** Nós temos uma tendência natural para procurar o conforto. Pode não parecer, mas temos. O conforto é logo uma predisposição nata da nossa parte. Portanto, nós tendencialmente vamos ignorar os riscos a que estamos sujeitos, para conseguir projetar uma imagem para nós próprios, para aqueles que nos rodeiam, para aqueles que nós amamos, que o mundo é seguro. E, portanto se nós não formos alertados para possíveis riscos, que nós não temos a consciência de que estão presentes no nosso dia-a-dia, nós não vamos desenvolver nenhum tipo de comportamento, ou preparação, para poder lidar com esses riscos no futuro ou minimizar o impacto desses riscos. O que

eu quero dizer é, se eu saio à rua e está frio e fico constipado, então amanhã eu já vou pôr outro casaco, já vou ter algum cuidado comigo e com a minha família. Agora, se forem riscos que não são visíveis, desde os riscos de sismo, risco de tsunami, risco de incêndio urbano, por exemplo, então, tendencialmente, eu não vou desenvolver nenhum comportamento da minha parte para me preparar para situações que eu não valorizo que possam vir a acontecer.

**MAF:** Então, que estratégias é que temos? Porque, os académicos, os cientistas fazem previsões, usam estatísticas, modelos computacionais, mas não chegam... Essa informação, por muito que queiramos, não conseguimos transmiti-la de forma a que a pessoa receba essa informação . Portanto, há aqui um emissor e um receptor que parece que a comunicação não chega.

**AC:** Achamos sempre que falhamos, achamos e falhamos, na comunicação do risco. Que não é comunicação do risco só, é precisamente ter estes comportamentos, tentar que as pessoas tenham comportamentos protetivos, que tenham noção do risco para terem comportamentos protetivos. Mas nós não sabemos fazer isso. Tivemos aqui no episódio passado a Delta (Delta Silva), que nos falou um bocadinho de como é que conseguiu atuar ao nível das crianças. E que elas tiveram que, primeiro, estar em contato com cientistas, primeiro absorver o conhecimento. Depois, ter a oportunidade para dialogar, para conseguir tirar dúvidas. Mas depois, tiveram também que experienciar. No caso dos sismos, fizeram uma maquete e viram a mobília a cair, se abanassem o que poderia ser uma mesa sísmica. E portanto, tiveram noção das consequências dos atos, se não protegessem bem a mobília, e etc. E portanto, só depois destes processos todos é que ela considerou que, de alguma forma, aquelas crianças interiorizaram o risco, e algum comportamento protetivo que poderiam ter. Portanto, não é só comunicarmos que existe risco.

**RA:** Não. Até porque se nós perguntarmos num questionário genérico à população, quais são os riscos que considera que estão presentes no território onde vive, eu diria que 90%, agora falando dos adultos, conseguia assinalar com uma cruz o risco sísmico que existe, o risco de incêndio rural, o risco de incêndio urbano, o risco de incêndio industrial. Portanto, não é apenas o tomar conhecimento que o risco existe.

**MAF:** É também o vivenciar, não é?

**RA:** E ter uma noção de quais são. O risco pode existir, mas ter a consciência de qual é que é a probabilidade efetiva de ele se concretizar. E quando nós falamos de riscos com baixa probabilidade de acontecer, mas com elevado impacto quando vierem a acontecer, como é o caso do risco sísmico, é particularmente mais crítico. Porquê? Porque aí, as pessoas tendem, de facto, a desvalorizar essa probabilidade e a não desenvolver comportamentos protetores.

**MAF:** E como é que podemos ultrapassar essa tendência?: -Isto nunca vai acontecer comigo, ou enquanto eu cá estiver. Que mecanismos é que há? Como é que podemos chegar às pessoas?

**RA:** Eu acho que esse é um grande desafio. Nós temos várias entidades que trabalham na sensibilização para o risco. As protecções de serviços municipais, mas também nacional, trabalham muito a essa vertente.

Vai-se muito pela vertente das crianças, de ter a consciência dos riscos. E seguir aquele princípio da reciclagem, as crianças chegarem a casa, e dizer aos pais: porque é que nós temos um quadro por cima da cama onde eu durmo todos os dias, quando eu aprendi hoje de manhã na escola, que se existir um sismo esse quadro vai-me acertar na cabeça e eu posso morrer. Pronto, aí o pai toma consciência vai lá e retira o quadro. Agora, é sem dúvida um grande desafio nós conseguirmos fazer com que as pessoas desenvolvam algumas medidas.

Eu acho que aqui também temos que ter a capacidade de... Por vezes não é necessária informação excessiva de fundamentação científica e técnica de porque é que o risco se vai concretizar. Até por vezes ter recortes de jornais. Nós evidenciarmos, o risco concretizou-se aqui, aqui e aqui, e as pessoas terem noção da proximidade geográfica do sítio onde vivem. Termos um sismo em Espanha, ou um sismo em Marrocos, é diferente de termos um sismo na Turquia. E depois também, haver aqui quase uma ligação direta de o que é que as pessoas podem fazer, para então, diminuir a probabilidade dos perigos associados a esse risco se concretizarem. Gestos simples.

A reciclagem começou por passar a mensagem do benefício que tinha, para o mundo, quase a reciclagem. Mas depois, em termos concretos, era no momento de em casa colocar o lixo. Separá-lo por três recipientes distintos, e depois ao chegar aos contentores colocá-lo em três locais distintos. E aquilo que se calhar muitas pessoas consideravam que seria difícil, as pessoas conseguirem concretizar essa mudança comportamental, efetivou-se.

Portanto, aqui para os riscos, e neste caso especificamente para o risco sísmico, temos que ter a capacidade de passar mensagens distintas, para públicos alvos distintos. O tipo de informação que nós vamos transmitir a uma criança é diferente, consoante a faixa etária, ao adulto também, ao responsável da família e aos próprios decisores. Então, nós temos aqui vários públicos-alvo até porque, por exemplo, há algum tipo de mudança comportamental. E agora fazendo a ponte para a segurança rodoviária, da utilização do cinto de segurança, teve a ver com uma legislação punitiva. Não é? Muitas pessoas põem o cinto de segurança para evitar a coima enquanto estão a conduzir.

**AC:** Certo. Não para evitar o perigo.

**RA:** Não para promover a sua segurança rodoviária. E portanto, isto para dizer que nós temos aqui objetivos distintos, consoante o público-alvo distinto, na maneira como se transmite a informação e a mensagem que seja mais valorizada para quem está do outro lado a escutar. Que não pode passar apenas por uma comunicação científica.

**MAF:** Pois não. E isto é um tema que as pessoas têm muitos receios e medos e ficam às vezes paralisadas e se calhar não fazem nada, porque há aqui qualquer coisa que não faz com que a pessoa depois, se calhar até faça só o kit de emergência, ou comece a pensar, "será que a minha casa resiste ou não", e ter uma reunião de condomínio, para depois conseguir reforçar, ou fazer uma avaliação do risco. Há aqui muitos gatilhos que se calhar uma pessoa fala num sismo e a pessoa fica paralisada; pensa que não há nada a fazer, não tem nada a fazer. Porque também não ouve o Estado nem outras entidades a falar no assunto, não é?...

**AC:** Sim, e eu moro no décimo segundo ou no décimo terceiro e se houver um sismo não tenho tempo sequer de ir para a rua e, portanto não vale a pena preocupar com isso, para quê ter um kit se eu moro num décimo segundo andar?

**RA:** Eu acho que o que se passa efetivamente é, este risco específico, o risco sísmico, tem perigos potencialmente associados, tão elevados, que há um tal mecanismo de defesa do ponto de vista psicológico - que eu referi inicialmente, de sentir que o mundo onde eu estou inserido é seguro- que tende a desvalorizar este risco. Ao contrário de, por exemplo o risco de incêndio rural que se efetiva. Todos os anos temos incêndios, que entram na vida das pessoas, seja pela televisão, ou por todos conhecermos pessoas que tiveram incêndios próximos das suas casas, num mundo mais rural. E, portanto, mais facilmente compreendem a necessidade de desenvolver algumas medidas protetoras. E, por outro lado, também é um risco que não tem tantos perigos associados como o risco sísmico. Portanto eu acho que isto vai, brincando com coisas sérias, isto quase que vai é exponenciar a nossa perspectiva religiosa, de Nossa Senhora de Fátima a nos proteger a todos, porque o perigo é tão elevado que eu prefiro não abordar essa questão e "continuar a rezar" para que nada aconteça.

**AC:** Mas, Rui, efetivamente o que é as entidades que lidam com esta psicologia de crise e da emergência fazem proativamente ao nível da prevenção? Onde é que efetivamente podem atuar?

**RA:** A prevenção, eu costumo dizer: há a prevenção ao nível do cidadão, e aqui estamos a falar da sensibilização aumentar a percepção de risco para níveis correspondentes àquilo que nós sabemos em termos científicos, e nós somos um país com risco sísmico. Nós temos um mapa, neste caso um relatório de avaliação de risco anual, e sabemos quais são os riscos mais predominantes em cada concelho, ou seja, os planos municipais de emergência e proteção civil contemplam esses riscos. Sabemos os concelhos que têm maior risco sísmico e, portanto, nós devemos trabalhar ao nível da sensibilização do cidadão tudo aquilo que pode fazer para lidar com este risco. Mas depois, não é apenas o cidadão. Porque se nós tivermos cidadãos que estão muito bem preparados, têm a mochila de sobrevivência, fazem até um investimento de robustez estrutural da sua casa, mas depois, o país colapsa porque as organizações não estão preparadas, os hospitais não estão preparados, os sistemas de transportes não estão preparados, e o próprio país não tem planos de resposta de emergência, efetivamente eficazes para aquilo que é considerado, do ponto de vista da proteção civil, o desastre mais grave de gerir, que é um sismo.

Mas, com isto, nós não podemos ter uma postura de *desamparo aprendido*, usando aqui um termo psicológico das origens da psicologia, que é tão impactante que não vale a pena fazer nada. O que nós temos é que, cada um ao seu nível, desde o cidadão, às organizações privadas, infraestruturas críticas, como energia, água, transportes... Portanto, se isto tudo colapsar, o país não tem capacidade para gerir a emergência. E aí, a primeira coisa que nós temos que assumir, é aquele princípio da proteção civil com grande impacto psicológico, e que eu costumo utilizar esta expressão que é: - nós vamos ter um sismo.

**MAF:** Não sabemos é quando.

**RA:** Portanto, em qualquer sessão pública, eu digo: "nós vamos ter um sismo". E depois faço dois segundos de silêncio, enquanto as pessoas ficam a pensar, se eu tenho alguma informação adicional. Não tenho, mas sabemos que vai chegar. E, portanto, acho que esta é a principal mensagem.

**AC:** Fazem palestras, vão aos locais?

**RA:** Sim. Como digo, há várias organizações que trabalham em termos da resposta para a educação para o risco. Desde ações mais práticas, com mesas sísmicas, para crianças, para jovens, para adultos perceberem o impacto efetivo que tem. Existem já programas de desenvolvimento de competências, que trabalham vários riscos, não apenas o risco de sismos, mas vários riscos, como a turma escolar por exemplo, e permite-se eles irem aumentando uma cultura de educação para o risco, mais abrangente. Ou pode ser seminários, pode ser palestras, pode ser vídeo. Portanto, eu acho que nós temos é que trabalhar na multiplicidade de canais de comunicação que temos ao nosso dispor, para conseguir levar esta mensagem a todas as pessoas.

**MAF:** Mas, parece-se sempre que a mensagem não passa. Quando há estes eventos, depois somos sempre os mesmos. Somos poucos eu acho que somos poucos...

**RA:** Não, por exemplo, os seminários públicos...

**MAF:** Eu sei que "grão a grão" enche...

**RA:** O "grão a grão, enche a galinha o papo", não é? É aquilo que nos motiva a continuar a fazer encontros, e a ter sempre casas pouco preenchidas. Porque, de facto, não é um tema que seja aliciante.

**MAF:** Não é sexy, não é?

**RA:** Não é sexy, o tema não é sexy. E reparem, então, eu vou a um sítio que me vai alertar para um mundo onde eu vivo que não é seguro.

**AC:** Então efetivamente depois, em termos da resposta agora: há um evento catastrófico qualquer, não é preciso ser sismo, pode ser cheias.

**MAF:** Que é recorrente.

**AC:** Que nós também temos, exato. Que é recorrente. O que é que um psicólogo, em situações de crise e catástrofe, faz no terreno? Vai avaliar as vítimas, pessoas que estão mais perturbadas, vai identificar as pessoas que estão mais vulneráveis, e vai... Conversar com elas?

**MAF:** Pois. O que é complicado, não é?

**AC:** O que é que faz no terreno?

**RA:** A psicologia de emergência, na fase da emergência, a primeira coisa que faz é intervir com a população diretamente, que é vítima, neste caso, do desastre. E pode-se circunscrever, ou especificar, o conceito de primeiros socorros psicológicos. Como há os primeiros socorros físicos, que são os bombeiros que fazem, o INEM, e a pessoa que tem uma fratura exposta tem que ir ao hospital, mas muitas pessoas conseguem ser apoiadas do ponto de vista físico apenas pelos primeiros socorros. O equivalente, para os primeiros socorros psicológicos, é apoio psicológico de emergência. Ou seja, há técnicas de estabilização emocional, a pessoa está com vários níveis de ansiedade, e até a nível de estabilização emocional para a pessoa, até do ponto de vista fisiológico conseguir manter os níveis de funcionamento.

O que é que quero dizer com isto? A pessoa que esteja com uma respiração ofegante, ninguém consegue ficar de respiração ofegante, com uma ansiedade muito elevada, durante muito tempo. Pois até vai ter uma perturbação física, e até pode vir a desmaiar com uma reação vagal. E, associado ao apoio psicológico de emergência, está uma questão, que é o apoio psicossocial de emergência. Que é, alojamento de emergência, alimentação de emergência, vestuário de emergência.

Portanto, nós não estamos num cenário de sismo, perante uma vítima, agora falando do conceito de vítima psicológica, a abordar como é foi a infância, qual é o seu traço personalidade. O psicólogo de emergência, é aquele que sabe que um pai, se vir que são três da manhã, houve um sismo e os filhos estão à chuva e ao frio, o melhor apoio psicológico que ele pode ter, é nós arranjarmos um sítio para que os filhos possam ir dormir.

**AC:** E possam estar confortáveis. Claro.

**RA:** Portanto, tudo isso prevê ter espaços definidos para o alojamento de emergência, com respostas de alimentação de emergência. E o apoio psicológico até é dado numa fase posterior, para estarem já garantidas as condições de sobrevivência, do ponto de vista físico. Está tudo interligado.

**AC:** Estas entidades que gerem estes recursos, portanto, levam para o terreno não só os operacionais físicos, mas os psicólogos também? Vocês vão logo para o terreno quando há... Faz parte do "equipamento" irem para o terreno quando há situações destas?

**RA:** A psicologia de emergência é uma especialidade, como existe a medicina de urgência, a medicina do contexto de emergência para o hospitalar. Portanto, é uma ferramenta que fica ao

dispor dos psicólogos para, nas suas organizações, nas suas integrações, poderem-na utilizar. Portanto, digamos que o psicólogo não é um elemento externo a este processo todo. Os bombeiros têm alguns elementos que também são psicólogos, o INEM tem muitos psicólogos profissionais, portanto tem mesmo uma equipa especializada dentro do INEM, os municípios têm muitos psicólogos, portanto, eu diria que os psicólogos que integram estas organizações que têm responsabilidades na emergência, vão dar o contributo da psicologia de emergência, na resposta mais abrangente.

**AC:** Mas são psicólogos especiais, têm uma formação especializada em crise, ou são psicólogos formados em psicologia geral e que só desenvolvem estas competências depois na prática no terreno? Isto ensina-se na escola, ensina-se na faculdade?

**RA:** A Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa tem mesmo um mestrado em crise e emergência. Por norma, a psicologia de emergência não é lecionada nos cursos de licenciatura e mestrado, são normalmente abordados estes conceitos em pós-graduações ou em cursos especializados. E eu aqui faço uma analogia, em relação, por exemplo, à questão da medicina que as pessoas compreendem melhor. Nós não imaginamos alguém que tenha a especialidade de medicina familiar, o tradicional médico de família, que agora é uma especialidade, fazer uma cirurgia ou ir para o meio de um acidente rodoviário. Ou o contrário, ter um médico cirurgião, que é especialista em bloco operatório, de repente está na confusão de um acidente rodoviário.

E, portanto, tudo isto são ferramentas técnicas e científicas, que estão ao dispor do profissional. Agora, um psicólogo, para ir para um cenário, de mortes recentes, pessoas com um grande impacto emocional, também tem que ter essas ferramentas. Porque, quando foram os atentados do 11 de março em Madrid, portanto, já há muitos anos, em Atocha, houve um pedido genérico de psicólogos, para ir prestar apoio a pessoas que tinham acabado de perder entes queridos, na fase do reconhecimento dos corpos. E houve psicólogos, sem formação nenhuma, que se dispuseram a ir lá. E o que veio a acontecer foi, a psicologia absorver um bocadinho as emoções que o outro tem, por isso é que se chama o processo de empatia, para depois o conseguir ajudar. E esses psicólogos não estavam preparados para acolher esse impacto emocional. Portanto, houve muitos psicólogos que também desenvolveram problemas de psicopatologia associado, ou stress pós-traumático, associado precisamente ao tipo de apoio que prestaram, sem estarem preparados para o efeito. Portanto, todos os profissionais têm que estar preparados para atuar num cenário de catástrofe. Quem não está preparado, tem as suas funções. Pode ir ajudar a distribuir agasalhos. Agora, não podemos é pôr pessoas, só porque tiveram uma licenciatura, se calhar há 15 anos, a fazer funções para as quais não estavam preparados.

**MAF:** Às vezes também pode não haver gente suficiente, não é?

**AC:** E os próprios operacionais que estão no terreno os bombeiros, etc., também podem precisar de apoio.

**MAF:** Deveriam.

**AC:** Deveriam se calhar, não é? Também estão atentos a esses operacionais, ou a vossa preocupação são as vítimas civis?

**RA:** A minha área de especialidade até é, precisamente, em profissionais de emergência. Portanto, o meu doutoramento incidiu precisamente nessa área, da psicologia e da segurança ocupacional dos bombeiros portugueses. E eu digo que podemos trabalhar em várias vertentes em simultâneo. A população, ou os civis, e os operacionais. Particularmente, até na fase de treino e preparação, uma coisa é intervir num acidente rodoviário, um acidente ferroviário, que é mais complexo, outra coisa é

o operacional estar a intervir na sua própria comunidade. E, estar a intervir num cenário de destruição dantesca.

E os profissionais têm esta particularidade de.. O cidadão num cenário de catástrofe quase que baixa os braços, e assume uma postura de, essa entidade que nós chamamos de governo que me venha salvar, mas depois nós sabemos que uma catástrofe caracteriza-se pelo socorro não ser suficiente. Por isso é que é uma catástrofe. Ou seja, a capacidade de resposta do país, perante aquela emergência, não é suficiente. E os profissionais de emergência são os primeiros a sentir essa frustração, porque, ainda por cima, estão numa postura de auxílio ao outro. Portanto, respondendo diretamente, eles têm que ser preparados para intervir em cenários de catástrofe, em que as estratégias de gestão de emoções, gestão do stress, têm que ser diferentes das estratégias da gestão da emergência diária. E depois, num momento certo, têm que beneficiar de algum apoio psicológico para os ajudar a conseguir gerir as emoções todas, decorrentes da resposta à catástrofe, diminuindo a probabilidade de eles virem a ter o tal stress pós-traumático. E de virem a precisar por exemplo de uma intervenção já do foro da Psicologia Clínica.

**AC:** Ou até, ficarem inoperacionais e inúteis no acto. Pode acontecer, não é. De repente, ficam com...

**RA:** Acontece. Há bloqueios emocionais, usando assim uma linguagem simples, não é? Pode acontecer. E aí o operacional fica *inop*, inoperacional. Aí, ele vai beneficiar de primeiros socorros psicológicos, estabilização emocional, com técnicas muito similares à que fazemos com a população civil. Qual o objetivo sempre? É pessoa conseguir normalizar a sua reação emocional. Com uma diferença, que é, com a população civil, é baixar os níveis de ansiedade, para conseguir, se calhar, ir para o alojamento de emergência, e o pai ou a mãe estarem estáveis ao pé dos filhos. O profissional de emergência, é conseguir estabilizar para ver se vai ter a capacidade de voltar às suas operações. E também, mesmo, um screening ou uma triagem, após a conclusão das operações, é fundamental ser feito aos profissionais de emergência.

**AC:** E aos civis também, não é. Portanto, as pessoas que foram intervencionadas, ou precisaram de apoio naquele local de catástrofe, irão precisar depois de continuidade. São estas entidades que fazem esta psicologia de emergência que também dão depois continuidade, ou esgota ali a vossa intervenção e encaminham depois, "olhe, depois veja lá se têm consultas de vez em quando".

**RA:** A questão é, quem beneficiar de primeiros socorros psicológicos, de forma estruturada por uma entidade - porque há muitas, pode ser o município, pode ser o INEM, que são os profissionais os de primeira linha, como pode ser a Cruz Vermelha- por norma os modelos contemplam sempre um *follow-up*. Ou seja, depois perceber como é que a pessoa está. E sim, convém, se continuar a evidenciar sintomatologia aguda, de stress agudo, poder ser encaminhado para as respostas possíveis.

**AC:** Claro. Mas, pelo menos há um seguimento imediato. Nem que seja imediato.

**MAF:** E ter os financiamentos para isso

**RA:** Agora, estamos a falar de um número reduzido de pessoas, numa catástrofe como um sismo, um sismo de grande magnitude, que iremos ter milhares, ou um milhão, ou dois, de pessoas afetadas e as que vão beneficiar dos primeiros socorros psicológicos. Tendo em conta a capacidade de resposta instalada hoje, que é muito reduzida. Os únicos que têm psicólogos de emergência profissionais é o INEM, tudo o resto não tem psicólogos de emergência. Têm é psicólogos nas suas entidades que podem ter estas ferramentas e, numa situação de emergência, vão pôr essas ferramentas ao usufruto das operações.

**AC:** E depois vão tendo experiência.

**RA:** Mas a resposta é muito diminuta.

**MAF:** Portanto, não temos capacidade de resposta, também a este nível, não é? Parece.

**RA:** Não. Portanto, o contexto de catástrofe...

**MAF:** Por isso, aumentar a percepção do risco não é?

**RA:** O risco, não é só, o risco em termos da probabilidade de acontecer e os perigos associados. É o risco, também, decorrente da incapacidade de resposta que nós temos.

Cheias e inundações, houve recentemente aqui na área metropolitana de Lisboa. Temos vários municípios que foram adquirir eletrobombas, de grande capacidade, de grande magnitude. Porque temos uma tendência para olhar para os últimos perigos concretizados, de correntes de riscos naturais, e preparar a resposta para esses.

Incêndios rurais, o país evoluiu imenso. Desde Pedrógão Grande, e já desde os grandes incêndios de 2013, com equipamento, com formação. A questão aqui é que temos aquele efeito de recência. Nós, sociedade e país. Que é, preparamos para os riscos que se concretizaram mais recentemente.

**MAF:** Não para aqueles que estão no passado.

**AC:** E da forma como ocorreram, também. Não é?

**MAF:** E como é que isto a nível, agora.. Nós falamos, em termos do cidadão, os políticos também são cidadãos. Mas não têm as mesmas preocupações ...

**RA:** A liderança tem um papel fundamental.

**MAF:** Sim, mas... Não chega lá também, não é? As atitudes e as decisões muitas vezes, a maior parte das vezes, não passa por...

**AC:** Por norma estão preocupados com os seus 3 a 4 anos. E portanto, têm eventos imediatos, em que podem fazer e ter a obra feita, acho eu. Eles querem ter obra feita, e portanto, tudo o que é a médio e longo prazo não lhes dá obra, não lhes dá nome, não ficam ligados a nada. E portanto é muito difícil levá-los a fazer alguma coisa.

**MAF:** A mudar os comportamentos.

**RA:** Sim, nós sabemos. Isto até é dito, uma estrada alcatroada dá votos imediatos.

**AC:** Pois, é exatamente isso. E as rotundas.

**RA:** Agora, o que ficará para a história, é um líder que tenha a capacidade de preparar e capacitar o país para a resposta a uma emergência grave. Que, efetivamente, pode nunca se vir a concretizar, mas se se vier a concretizar, um decisor político que tiver decidido antes que vamos fazer este investimento, porque fará toda a diferença quando este risco se concretizar, ficará para a história como um visionário. Portanto, aqui a questão é o que é que os nossos decisores políticos pretendem ser? Reeleitos, ou visionários que ficarão para a história, como uma referência.

**AC:** Por norma, pretendem ser reeleitos.

**MAF:** Querem ser reeleitos. Mas eu acho que se fizessem um programa de reforço, ou destas coisas dos riscos, também seriam reeleitos certamente.

**AC:** Também acho que sim, porque cada vez mais as pessoas têm noção. Porque também têm televisão, e cada vez mais, os eventos que acontecem nos outros lugares do mundo são transmitidos e entram nas nossas casas, não é? Os tsunamis, os sismos graves, as cheias, tudo isso entra na nossa casa agora.

**MAF:** E tivemos agora um sismo, em agosto..

**AC:** E isso melhora e aumenta, de facto, a percepção do risco. Ajuda.

**RA:** Um decisor político que decida investir na capacitação para a resposta a emergências, e que tenha a boa capacidade de comunicar os investimentos públicos políticos que são feitos, e que nós temos a capacidade de aumentar a percepção de risco, eu acho que pode ganhar votos também. É possível conciliar ambas as vertentes. Portanto, isto para dizer, que uma verdadeira capacitação nacional implica os decisores políticos.

**AC:** Sim

**MAF:** Pois. Não sei, Rui, se quer deixar alguma mensagem?

**AC:** Alguma coisa que queira dizer que não teve a oportunidade de dizer até agora?

**RA:** Primeiro dar os parabéns por estarem aqui presentes, pelo trabalho que vocês aqui fazem, de conciliar a comunicação científica, a reflexão científica, com o comunicar com o público em geral. E acho que tem que ser mesmo um desígnio nacional, preparar-nos para os riscos, em geral, e especificamente, para o risco sísmico.

Nós sabemos que Portugal vai ter um grande sismo, portanto, isso é uma certeza e ninguém o nega. Todos concordam. O que temos é que, de facto, conseguir conciliar aqui as várias visões. Desde o cidadão, às organizações, ao decisor político, desde o patamar local ao patamar nacional, para nos prepararmos para o dia em que o sismo acontecer.

**AC:** É isso.

**MAF:** É isso.

**AC:** Chegámos então ao fim de mais um episódio. Obrigada Rui, por ter estado a sismar connosco sobre a psicologia da percepção do risco, ou a psicologia em situações de crise e de emergência. Já sabem, estamos no sítio do costume, no site [spessismica.pt](http://spessismica.pt), nas plataformas Spotify, Apple Podcast LinkedIn ou Facebook. Enviem as vossas questões e curiosidades para [sismar.spes@gmail.com](mailto:sismar.spes@gmail.com). E já sabem..

**MAF:** ..Mantenham-se alertas e preparados. Obrigada, Rui.

**RA:** Obrigado.

-----  
**Apresentação:** Alexandra Carvalho e Mónica Amaral Ferreira  
**Edição e Sonoplastia:** Hugo O'Neill

**Créditos de Música:**

Paténipat, Charlotte Adigéry;

Sinai, Clã.